

O Universal e os Particulares na Lógica de Hegel e em O Capital de Marx¹

The Universal and the Particulars in Hegel's Logic and Marx's Capital

FRED MOSELEY²

Argumentei em alguns artigos e em um livro recente que há duas fases principais (ou níveis de abstração) na teoria de Marx em *O Capital*³. A primeira fase tem a ver com a *produção de mais-valia* e a *determinação da mais-valia total*, enquanto que a segunda fase tem a ver com a *distribuição de mais-valia* e a *divisão da mais-valia total predeterminada em partes individuais* (taxas iguais de lucro, lucro comercial, juros e renda). A quantidade total de mais-valia é determinada na primeira fase (a produção de mais-valia) e então essa magnitude predeterminada é pressuposta na segunda fase (a distribuição de mais-valia). Esse pressuposto quantitativo fundamental da determinação prévia da mais-valia total é repetido muitas vezes, em todos os rascunhos de *O Capital*, como demonstrei em meus artigos. Assim, existe uma clara progressão lógica da determinação da magnitude da mais-valia total na primeira fase para a determinação das partes individuais na segunda fase. Outros autores que apresentaram interpretações semelhantes de produção e distribuição de mais-valia e a determinação prévia da mais-valia

¹ Publicado originalmente em: MOSELEY, F. The Universal and the Particulars in Hegel's Logic and Marx's Capital. In: MOSELEY, F.; SMITH, T. (Eds.). **Marx's Capital and Hegel's Logic: a reexamination**. Historical materialism book series. Leiden; Boston: Brill, 2014.

² Mount Holyoke College. E-mail: fmoseley@mtholyoke.edu.

³ Moseley, 1993a, 1997, 2000, 2002, 2009 e 2016.

total na teoria de Marx incluem Paul Mattick, Rosdolsky Roman, Enrique Dussel, David Yaffe e Duncan Foley.

Para tomar o exemplo mais importante, na teoria dos preços de produção de Marx, na parte II do Volume III, a mais-valia total é pressuposta, como já foi determinado nos Volumes I e II, e a mais-valia total (MV) é usada para determinar a taxa geral de lucro ($t = MV/C$), que por sua vez é um fator determinante dos preços de produção (C é o capital total investido). Como resultado, a mais-valia total previamente determinada é distribuída para as indústrias individuais de tal forma que todas recebam a mesma taxa de lucro.

Esta progressão lógica a partir da determinação da quantidade total da mais-valia para a determinação de cada uma das partes individuais da mais-valia decorre diretamente das teorias de valor-trabalho e da mais-valia de Marx. Conforme a teoria de Marx, todas as partes individuais da mais-valia vêm da mesma fonte – o trabalho excedente dos trabalhadores. Portanto, a quantidade total de mais-valia deve ser determinada antes de sua divisão em partes individuais; e a quantidade total de mais-valia é determinada pelo trabalho excedente e apenas por ele.

Argumentei ainda que esta distinção entre a produção de mais-valia e a sua distribuição é a dimensão quantitativa dos dois níveis básicos de abstração da teoria de Marx: o capital em geral e concorrência (muitos capitais). *Capital em geral* é definido por Marx como *aquelas propriedades que são comuns a todos os capitais* e que o distinguem o capital de simples mercadorias, dinheiro ou outras formas de riqueza. A mais importante propriedade comum (ou universal) de todos os capitais, que é analisada em nível de abstração de capitais em geral, é a *produção de mais-valia* (incluindo mais-valia absoluta e relativa). Uma vez que esta tão importante propriedade é compartilhada por todos os capitais, a teoria da produção da mais-valia em nível de abstração de capitais em geral diz respeito à mais-valia total produzida pelo capital total da sociedade como um todo. Outras propriedades comuns de todos os capitais que são analisados no nível de abstração do capital em geral incluem várias características do capital na esfera da circulação (a rotatividade do capital, capital fixo e circulante, e assim por diante) e o aparecimento da mais-valia e da taxa de mais-valia como lucro e taxa de lucro (incluindo a taxa de lucro decrescente).

A principal questão abordada no nível de abstração da *concorrência* é a *distribuição de mais-valia* ou a divisão da mais-valia total em partes individuais. Outra questão relacionada, direcionada em nível da abstração da *concorrência*, é “receita e suas fontes”, ou a crítica da explicação vulgar da economia política destas partes individuais da mais-valia⁴.

Portanto, argumento que a estrutura lógica básica da teoria do capital de Marx nos três volumes de *O Capital* é a seguinte:

A Teoria de Marx em O Capital

Capital em geral

Produção de mais-valia (Volume I)

Circulação do capital (capital fixo e circulante) (Volume II)

Capital e lucro (incluindo a taxa de lucro decrescente) (partes I e III do Volume III)

Concorrência ou a distribuição de mais-valia

Taxa geral de lucros e preços de produção (parte II do Volume III)

Lucro comercial (parte IV do Volume III)

Juro (parte V do Volume III)

Renda (parte VI do Volume III)

Receita e suas fontes (crítica da economia vulgar) (parte VII do Volume III)

Este capítulo argumenta que esta estrutura lógica dos dois níveis de abstração do capital em geral e da *concorrência* foi fortemente influenciada pela Lógica do Conceito de Hegel e os dois primeiros momentos do Conceito: universalidade e particularidade. A primeira seção analisará as principais características da Lógica do Conceito de Hegel e a seção seguinte discutirá a apropriação crítica de Marx da lógica de Hegel na sua própria teoria da produção e distribuição de mais-valia. Um apêndice deste capítulo (disponível em: www.mtholyoke.edu/~fmoseley) discute outras interpretações anteriores da relação entre a Lógica do Conceito de Hegel e a teoria de Marx que

⁴ Deve-se esclarecer que o nível de abstração da *concorrência* não foi concluído no Volume III. Há muito mais para o nível de abstração da *concorrência* do que a distribuição de mais-valia nessas grandes partes, incluindo preços de mercado ($S \neq D$), preços de monopólio, concentração e centralização (ver Dussel 2001b; Moseley 2001c). Marx, com efeito, dividiu o nível de abstração da *concorrência* em dois subníveis: um subnível abstrato que tem a ver com a distribuição de mais-valia e um subnível mais concreto que tem a ver com esses outros aspectos. Estes aspectos mais concretos não estão incluídos no Volume III; Marx prometeu lidar com eles em um “livro posterior sobre a *concorrência*”.

foram apresentadas por Felton Shortall, Chris Arthur, Mark Meaney e Roberto Fineschi.

Em janeiro de 1858, enquanto trabalhava nos *Grundrisse*, Marx escreveu uma carta a Engels na qual afirmou que uma recente recapitulação fortuita da Lógica de Hegel tinha sido “de grande serviço” para a sua própria teoria, especialmente a respeito do *método* utilizado na sua teoria do *lucro*. Ele comentou que havia “derrubado” todas as teorias anteriores do lucro:

A propósito, estou descobrindo alguns bons argumentos. Por exemplo, derrubei toda a doutrina do **lucro** tal como existia até agora. O fato de que por mero acidente olhei novamente a *Logik* de Hegel [...] tem sido de grande utilidade para mim no que se refere ao *método* de lidar com o material.⁵

O que exatamente Marx quis dizer com esta obviamente importante, mas também enigmática, observação? A quais aspectos específicos da Lógica de Hegel Marx estava se referindo? E qual era a relação entre esses aspectos da lógica de Hegel e a teoria do lucro de Marx? Muitos estudiosos têm chamado a atenção para esta carta como prova da influência de Hegel sobre Marx, mas ninguém (que eu saiba) tem satisfatoriamente respondido estas importantes perguntas sobre a relação entre a lógica de Hegel e teoria do lucro de Marx. Este capítulo também irá sugerir respostas a estas perguntas e explicará o que Marx queria dizer com esta importante observação.

A LÓGICA DO CONCEITO DE HEGEL

A lógica de Hegel começa com as aparências imediatas, que ele chama de “Ser”. Em seguida, ela passa para a Essência, a “natureza interna” das aparências imediatas. Finalmente, o Conceito [*Begriff*] (às vezes traduzido como “Noção”) é o “clímax” da lógica de Hegel – a explicação das aparências imediatas em termos da Essência, em uma ordem lógica precisa.

O Conceito de Hegel tem três momentos: universalidade [*Allgemeinheit*], particularidade [*Besonderheit*] e singularidade [*Einzelheit*] (às vezes traduzido como “individualidade”). A ordem lógica exata de explicação é a seguinte: o ponto de partida do Conceito é o *universal*, que é

⁵ Marx e Engels 1983a, p. 249; **negrito** – ênfase adicionada; *italico* – ênfase no original. Essa convenção será seguida no decorrer do capítulo.

a Essência, ou substância, que já fora identificada na Lógica da Essência. O Conceito, em seguida, segue a uma explicação dos *particulares*, a qual *pressupõe* a natureza do universal e acrescenta determinações adicionais a fim de diferenciar o universal pressuposto em suas formas particulares. Em outras palavras, os particulares são explicados como formas particulares do *próprio universal*, como “autoparticularizações” do universal pressuposto. É neste sentido que a substância universal também é um “sujeito” que cria suas próprias formas particulares. Finalmente, o Conceito passa a *singularidade*, na qual o universal alcança existência concreta e incorporação perfeita em uma forma particular.

Esta relação lógica entre o universal e os particulares no Conceito de Hegel – o universal é o ponto de partida e sua natureza é pressuposta na explicação dos particulares – é mais clara na exposição do Conceito hegeliano na versão curta de sua Lógica, na *Enciclopédia de ciências filosóficas*. A seguir estão algumas passagens da *Enciclopédia*, com meus comentários:

A Noção é o princípio da liberdade, o poder da **substância autorrealizada**.⁶

Em outras palavras, a substância é o universal que se realiza nos particulares. Esta substância é pressuposta nas suas autorrealizações enquanto particulares.

A Noção enquanto Noção contém os três seguintes “momentos” ou partes funcionais.

(1) O primeiro é a *Universalidade* – o que significa que ele está em livre igualdade consigo mesmo em seu caráter específico. (2) O segundo é a *Particularidade* – isto é, o caráter específico em que o **universal serenamente continua igual a si mesmo**. (3) O terceiro é a *Individualidade* – o que significa a reflexão-em-si dos caracteres específicos de universalidade e particularidade; que a unidade-de-si negativa tem determinidade completa e original, **sem qualquer perda de sua autoidentidade ou universalidade**.⁷

A explicação da realidade começa com o universal e seu caráter específico. Nas explicações subsequentes sobre os particulares, o universal é pressuposto (“continua serenamente igual a si mesmo”, “sem qualquer perda de sua autoidentidade ou universalidade”).

⁶ Hegel, 1965, p. 223.

⁷ Hegel, 1965, p. 225.

Para Hegel, a substância universal é o Espírito Absoluto, que incorpora a si mesmo em formas particulares de realidade objetiva. Esta é, certamente, a natureza idealista da filosofia de Hegel, que Marx rejeitou completamente. Para Marx, a substância universal é materialista – trabalho abstrato.

Na mesma seção, Hegel enfatizou que o universal do Conceito não é uma mera propriedade comum, mas em vez disso é um *sujeito* que “*autoparticulariza*” a si como essas formas particulares, e “*encontra-se em casa*” nessas formas particulares “*com clareza não-obscurecida*”.

A noção é geralmente associada em nossas mentes com generalidade abstrata e por essa razão é muitas vezes descrita como uma concepção geral. Falamos, portanto, das noções de cor, plantas, animais, etc. Supostamente, elas devem ser obtidas ao se negligenciar as particularidades que distinguem as diferentes cores, plantas e animais entre si e ao manter aquelas comuns a eles todos...

Mas o universal da noção não é uma mera soma de características comuns a várias coisas, confrontadas por um particular que goza de uma existência própria. É, pelo contrário, a **autoparticularização** ou **autoespecificação**, e, com clareza não-obscurecida, encontra-se em casa na sua antítese.⁸

O sujeito que se autoparticulariza “com clareza não-obscurecida” é obviamente pressuposto na explicação das suas formas particulares.

Em *A Sagrada Família*, escrita por Marx e Engels em 1844, há um impressionante resumo do que Marx chamou de “o caráter essencial do método hegeliano”, que ele rotula de “*substância como sujeito*” (em uma seção intitulada “O mistério da construção especulativa”)⁹. O descritor “como sujeito” indica que a substância cria as formas particulares como formas particulares *de si*, como vimos na *Enciclopédia*.

A discussão de Marx nesta seção é ilustrada com o famoso exemplo da “fruta” e das frutas particulares (pera, maçã e assim por diante). Uma longa passagem dessa interessante sessão vale a pena:

Quando, partindo das maçãs, das peras, dos morangos, das amêndoas reais eu formo para mim mesmo a **representação geral “fruta”**, quando, seguindo adiante, *imagino* comigo mesmo que a minha representação abstrata “*a fruta*”, obtida das frutas reais, é algo existente

⁸ Hegel, 1965, p. 227.

⁹ Marx e Engels, 1956, pp. 78–83. Descobri esta notável seção como resultado da releitura de Arthur (1978), pela qual sou grato.

fora de mim e inclusive o verdadeiro ser da pera, da maçã etc. acabo esclarecendo – em termos *especulativos* – **“a fruta” como a “substância”** da pera, da maçã, da amêndoa, etc. [...] É certo que meu entendimento finito, baseado nos sentidos, *distingue* uma maçã de uma pera e uma pera de uma amêndoa, contudo minha razão especulativa considera esta diferença sensível algo não essencial ou indiferente. Ela vê na maçã o mesmo que na pera e na pera o mesmo que na amêndoa, ou seja, “a fruta”. As frutas reais e específicas passam a valer apenas como frutas *aparentes*, cujo ser real é “a substância”, “a fruta”. [...]

A especulação, que converte as diferentes frutas reais em uma “fruta” da abstração, na “fruta”, tem de, para poder chegar à aparência de um conteúdo real, necessariamente tentar – e de qualquer maneira – **retornar da “fruta”, da substância**, para os *diferentes tipos* de frutas reais e profanas, para a pera, a maçã, a amêndoa etc. [...]

Se a maçã, a pera, a amêndoa, o morango na verdade não são outra coisa que “a substância”, “a fruta”, cabe perguntar-se: **como é que “a fruta” por vezes se me apresenta na condição de maçã e por outras na condição de pera ou amêndoa?** De onde provém esta *aparência de variedade*, que contradiz de modo tão sensível a minha intuição especulativa da *unidade*, “da substância”, “da fruta”?

Isso provém, responde o filósofo especulativo, do fato de que “a fruta” não é um ser morto, indiferenciado, inerte, mas sim um ser vivo, diferenciado, dinâmico. [...] As diferentes frutas profanas são **outras tantas manifestações de vida da “fruta una”, cristalizações plasmadas “pela própria fruta”**. [...] Não devemos mais dizer, portanto, como dizíamos do ponto de vista da substância, que a pera é “a fruta”, que a maçã, ou a amêndoa etc., é “a fruta”, mas sim que **“a fruta” se apresenta na condição de pera**, na condição de maçã ou amêndoa, e as diferenças que separam entre si a maçã da amêndoa ou da pera são, precisamente, **distinções entre “a própria fruta”**, que fazem dos frutos específicos outras tantas **fases distintas no processo de vida “da fruta” em si**. [...] Em cada fase dessa série **“a fruta” adquire uma existência mais desenvolvida e mais declarada**, até que, ao fim, na condição de “síntese” de todas as frutas é, ao mesmo tempo, a *unidade* viva que contém, dissolvida em si, cada uma das frutas, ao mesmo tempo em que é capaz de engendrar a cada uma delas, assim como, por exemplo, cada um dos membros do corpo se dissolve constantemente no sangue ao mesmo tempo em que é constantemente engendrado por ele. [...]

A esta operação dá-se o nome, na terminologia especulativa, de conceber a *substância* na condição de *sujeito*, como *processo interior*, como *pessoa absoluta*,

concepção que forma **o caráter essencial do método hegeliano**.¹⁰

Este resumo não está expresso em termos dos momentos do Conceito de Hegel, mas a lógica é a mesma. A substância “Fruta” é o universal, cuja existência é pressuposta na explicação das formas particulares, como formas particulares de si. Após a identificação da substância universal, a tarefa teórica é a de “retornar” à determinação das formas particulares com base na substância universal pressuposta.

Marx ridicularizou o idealismo do método especulativo de Hegel e argumentou que as alegações de Hegel para derivar frutos particulares da Fruta universal eram meras afirmações vazias. Uma vez que a Fruta universal não tem conteúdo, não possui propriedades próprias, ela não pode ser usada para derivar as propriedades das frutas particulares. O método especulativo só pode *parecer* derivar as propriedades das frutas particulares “dando nomes a estas propriedades” e afirmando que estes nomes das coisas reais são (de alguma forma) “criados” pela Fruta (pp. 81-2)¹¹.

No entanto, Marx eventualmente utilizou uma estrutura lógica que é semelhante aos momentos do Conceito de Hegel (a natureza do universal é pressuposta na subsequente determinação das formas particulares de si) em sua teoria da produção e distribuição de mais-valia, sem o universal idealista e com um universal (trabalho abstrato) materialista; a estrutura lógica da teoria de Marx será examinada em pormenores na próxima seção.

2. A LÓGICA DE MARX NA SUA TEORIA DO CAPITAL E DA MAIS-VALIA

A Lógica do Conceito de Hegel é apropriada para a teoria da mais-valia de Marx porque ambas assumem uma relação lógica semelhante entre o universal e os particulares. O Conceito de Hegel começa com a

¹⁰ Marx e Engels, 1956, pp. 78–83 (ed. brasileira: pp. 72-75, versão adaptada a partir do autor).

¹¹ Marx e Engels, 1956, pp. 81-2 (ed. brasileira: p. 75). Nos últimos três parágrafos desta seção, Marx ridicularizou mais a apresentação hegeliana de Herr Szeligas dos “Mistérios de Paris”: “Se até agora o Szeligas dissolvia relações reais na categoria de mistério, como por exemplo o direito e a civilização, transformando assim “o mistério” em substância, é só agora que ele eleva à altura verdadeiramente especulativa – à altura *hegeliana* –, convertendo “o mistério” em um sujeito independente, que **se encarna** nas situações de pessoas reais [...]. O que ocorre é que **não desenvolve, em parte nenhuma, um conteúdo real**, de modo que nele a construção especulativa aparece sem nenhum adiantamento estranho que a desequilibre, sem nenhum tapume de duplo sentido, brilhando ante os nossos olhos em toda sua beleza nua.” (ed. brasileira: pp. 75-76)

determinação do universal e, em seguida, explica as formas particulares como formas particulares do universal (pré-determinado e pressuposto). Da mesma forma, a teoria de Marx começa com a forma geral da mais-valia, e, em seguida, explica as formas particulares de mais-valia com a forma geral predeterminada da mais-valia pressuposta, juntamente com as determinações particulares adicionais. O motivo pelo qual a teoria de Marx começa com a forma geral da mais-valia é que ela está fundamentada no pressuposto de que todas as formas particulares de mais-valia vêm da mesma fonte – o trabalho excedente dos trabalhadores. Portanto, a forma geral da mais-valia deve ser, em primeiro lugar, determinada e, em seguida, as formas particulares, que dependem de outros fatores além do trabalho excedente, podem ser determinadas. As formas particulares de mais-valia são “diferentes formas de vida” do trabalho excedente universal; elas são “encarnações” ou “cristalizações” do trabalho excedente.

Portanto, Marx divide sua teoria da mais-valia em dois níveis básicos de abstração, os quais correspondem aos dois primeiros momentos do Conceito de Hegel: *capital em geral* (a produção de mais-valia), que corresponde ao momento de *universalidade* de Hegel; e *concorrência* (ou *muitos capitais*) (a distribuição da mais-valia), que corresponde ao momento da *particularidade* de Hegel. A singularidade é muito menos importante na lógica de Marx e será discutida brevemente abaixo (veremos que Marx relacionou *capital de crédito* com o momento da *singularidade* de Hegel, embora com um significado muito diferente).

Marx acrescentou uma *dimensão quantitativa* à Lógica do Conceito de Hegel, porque a teoria de Marx é uma teoria do capitalismo, e a *quantidade* é o *principal aspecto* do capitalismo. Mais precisamente, o principal fenômeno do capitalismo que a teoria de Marx explica é ΔM , a *quantidade total* de mais-valia produzida na economia capitalista como um todo. O primeiro nível de abstração da teoria de Marx (*capital em geral*, o que corresponde à *universalidade* de Hegel) explica a quantidade de mais-valia produzida por *todo* e *qualquer* capital (mais precisamente, por *todo* e *qualquer* trabalhador), e, portanto, explica a *mais-valia total* produzida por *todos* *capitais* (e *todos* *trabalhadores*) *juntos* na economia como um todo. O segundo nível de abstração da teoria de Marx (*concorrência*, o que corresponde à *particularidade* de Hegel) explica como a mais-valia total é distribuída entre

capitais individuais, isto é, como o total é *dividido* ou *repartido* em partes individuais, com o total predeterminado de mais-valia pressuposta.

Esta ligação entre a teoria da mais-valia de Marx e a lógica de Hegel é fortemente sugerida pelo fato de que Marx usou a *mesma palavra alemã* que Hegel para a sua categoria lógica – “*allgemein*”. Esta evidente conexão entre a lógica de Marx e a lógica de Hegel tem sido obscurecida todos estes anos pelo fato de que essa mesma palavra alemã foi traduzida em *duas palavras inglesas diferentes*: “geral” em traduções de Marx, e “universal” em traduções de Hegel¹². Ironicamente, a tradução enganosa de “*allgemein*” na teoria de Marx como “geral” foi iniciada pelo próprio Marx na edição francesa do Volume I e por Engels na edição inglesa, aparentemente em uma tentativa equivocada de popularizar a teoria hegeliana de Marx. Esta é claramente uma mudança cosmética que não altera a lógica da teoria de Marx e que fez muito mais mal do que bem. De qualquer forma, agora todos devem compreender que Marx usou a mesma palavra alemã para “capital em geral” que Hegel usou para “universal”, o que sugere que Marx estava usando uma lógica similar neste aspecto muito importante de seu método lógico (a determinação do universal anterior aos particulares).

O restante deste capítulo irá rever os vários rascunhos de *O Capital* e cartas relevantes, com ênfase no uso explícito de Marx dos momentos hegelianos de universalidade e particularidade, bem como a estrutura lógica de sua própria teoria da produção e distribuição da mais-valia.

Os Grundrisse (1857-1858)

Uma indicação muito forte de que Marx estava utilizando a Lógica do Conceito de Hegel em sua teoria do capital são dois esquemas preliminares incompletos no começo dos *Grundrisse* que Marx inseriu no primeiro rascunho do que mais tarde se tornou a parte II do Volume I de *O Capital* (pp. 264 e 275¹³), na seção I (“O processo de produção do capital”) do “Capítulo sobre o Capital” no Caderno II (escrito em novembro de 1857). A estrutura básica de ambos os esquemas é aquela dos três momentos do Conceito de Hegel: universalidade (traduzida como “generalidade”), particularidade e

¹² Eu aprendi essa importante semelhança linguística de Fineschi 2005, p. 3, pela qual sou grato.

¹³ N.T.: Ed. brasileira, pp. 204-205 e 214-215.

singularidade (U-P-S). Vou me concentrar no segundo esquema (p. 275¹⁴), porque é o mais claro:

Capital

- I. *Generalidade*
 - (1) [Generalidade do capital]
 - a. Devir do capital a partir do dinheiro
 - b. Capital e trabalho
 - c. Elementos do capital (produto, matéria-prima, instrumento)
 - (2) *Particularização do capital*
 - a. Capital circulante, capital fixo, circuito do capital
 - (3) *Singularidade do capital*
 - a. Capital e lucro
 - b. Capital e juro
 - c. Capital como *valor*, diferente de si mesmo como lucro e juro
- II. *Particularidade*
 - (1) Acumulação dos capitais
 - (2) **Concorrência** dos capitais
 - (3) Concentração dos capitais
- III. *Singularidade*
 - (1) Capital como crédito
 - (2) Capital como capital por ações
 - (3) Capital como mercado de dinheiro

Podemos ver que este esquema tem dois conjuntos de tríades U - P - S, uma tríade ampla como seções do Capital e uma tríade mais restrita como subseções dentro da seção ampla da Generalidade. O conteúdo da Generalidade ampla como uma seção do Capital é semelhante ao que mais tarde foi incluído no capital em geral (isto é, os dois primeiros volumes de *O Capital* e Parte I do Volume III). A Generalidade restrita como uma subseção da Generalidade ampla é essencialmente a teoria da mais-valia (Partes II e III do Volume I), a parte mais importante do capital em geral. A Particularidade restrita como uma subseção da Generalidade ampla inclui o capital fixo, capital circulante e assim por diante. Ainda mais importante, a Particularidade ampla como uma seção do Capital inclui acumulação, concorrência e concentração. O significado de “concorrência” não é

¹⁴ N.T.: Ed. brasileira, pp. 214-215.

especificado aqui, mas veremos mais tarde que, nos *Grundrisse*, a concorrência inclui a equalização da taxa de lucro, o aspecto mais importante da distribuição de mais-valia. Conforme o pensamento de Marx se desenvolveu, acumulação e concentração foram movidos da Particularidade para a Generalidade (porque elas têm a ver com o capital como um todo), e Particularidade incluiria apenas a concorrência (isto é, a distribuição da mais-valia). A Singularidade restrita como uma subseção da generalidade ampla inclui lucros e juros, e a Singularidade ampla, como uma seção do Capital, inclui crédito, capital por ações e o mercado de dinheiro. O pensamento de Marx sobre a Singularidade em ambos os sentidos permaneceu essencialmente o mesmo, embora esta tenha sido muito menos importante na teoria de Marx.

Trinta e cinco páginas após o segundo esquema (no Caderno III), Marx inseriu um importante comentário metodológico que explica com qual objeto a sua teoria estava interessada nesta fase inicial e com quais objetos sua teoria ainda não estava interessada, e, visivelmente, este comentário utiliza novamente os três momentos do Conceito de Hegel:

O capital, tal como o consideramos até aqui, como relação a ser distinguida do valor e do dinheiro, é o *capital em geral*, i.e., a síntese das determinações que diferenciam o valor como capital do valor como simples valor ou dinheiro. Valor, dinheiro, circulação etc., preços etc. são pressuostos, assim como o trabalho etc. Mas nós ainda não estamos tratando nem de uma forma *particular* do capital nem do *capital singular* como capital diferente de outros capitais singulares etc. **Nós assistimos ao seu processo de transformação.** Esse processo de transformação dialético é apenas a expressão ideal do movimento efetivo em que o capital vem-a-ser. **As relações ulteriores devem ser consideradas como desenvolvimentos a partir desse embrião.** Mas é necessário fixar a forma determinada na qual o capital é posto em certo ponto. Senão resulta confusão.¹⁵

Podemos ver que o capital em geral é descrito em termos hegelianos porque “assistimos ao seu processo de transformação”. Em outras palavras, a teoria de Marx do capital em geral explica como o capital produz mais-valia, isto é, como uma determinada quantidade de dinheiro torna-se mais dinheiro e, desta forma, torna-se capital. A principal qualidade que distingue o capital do valor e do dinheiro é a produção da mais-valia. As “relações ulteriores”

¹⁵ Marx, 1973a, p. 310 (ed. brasileira: p. 243).

são as formas particulares de mais-valia que serão explicadas como “desenvolvimentos a partir desse embrião” da mais-valia em geral.

O manuscrito de Marx segue, então, o restante do Caderno III, esboçando pela primeira vez sua teoria da mais-valia, incluindo mais-valia absoluta e relativa e a transferência de capital constante. Dussel (2008 e 1985, Capítulo 8) enfatiza a “descoberta” de Marx de sua teoria da mais-valia nestas páginas do Caderno III dos *Grundrisse*.

A importante carta que Marx escreveu em janeiro de 1858, na qual afirmou que tinha achado o método de Hegel “de grande utilidade” para sua teoria do lucro (discutida acima, na introdução), foi redigida enquanto Marx estava escrevendo o Caderno IV dos *Grundrisse*. O Caderno IV começa com uma seção que Marx intitulou “Confusão de lucros e mais-valia”. A principal “confusão” discutida por Marx nesta seção foi a de Carey, Bastiat e Ricardo (separadamente), que confundiram a taxa de lucro com a parte do lucro da renda total, e, portanto, argumentaram que uma queda na taxa de lucro era causada por uma queda na participação dos lucros (ignorando por completo a composição do capital e seu efeito sobre a taxa de lucro). Marx resumiu:

Mas, na verdade, o **mais-valor** – na medida em que ele é de fato o fundamento do lucro, mas também é diferente daquilo que é comumente chamado de lucro – **jamais foi desenvolvido**.¹⁶

Isto é precisamente o que a teoria da mais-valia de Marx alcançou – pela primeira vez explicou mais-valia como distinta de lucros e como a fundação de lucro.

O Caderno IV continua com a teoria da mais-valia e então segue para a seção II do “Capítulo sobre Capital” (“O processo de circulação do capital”, o objeto do Volume II de *O Capital*). No meio de uma discussão de superprodução e uma crítica a Proudhon, Marx brevemente discutiu (por volta de duas páginas) a *taxa geral de lucro* pela primeira vez em seus escritos publicados e claramente afirmou (nesta fase inicial) que a consideração da taxa geral de lucro tem a ver com a *distribuição de mais-valia* e pertence “à seção sobre a concorrência”:

Uma *taxa geral de lucro* só é possível porque [...] uma parte do valor excedente – correspondente ao trabalho excedente – é transferida de um capitalista para o outro.

¹⁶ Marx, 1973a, p. 385 (ed. brasileira: p. 309).

[...] Em certa medida, a **classe capitalista reparte o valor excedente total** de modo tal que, até certo ponto, [participa dele] proporcionalmente à *magnitude* de seu capital, e não segundo os valores excedentes efetivamente criados pelos capitais nos ramos de negócios individuais. [...] **A concorrência não pode reduzir tal nível por si mesma, mas tem unicamente a tendência de criar tal nível. Outras questões pertencem à seção da concorrência.**¹⁷

Quinze páginas depois, Marx intervém com outra passagem metodologicamente interessante, na qual utiliza novamente momentos do Conceito de Hegel:

Antes de prosseguirmos, ainda este comentário. O *capital em geral*, diferentemente dos capitais particulares, aparece na verdade 1) só como *uma abstração*; não uma abstração arbitrária, mas uma abstração que captura a *differentia specifica* do capital em contraste com todas as outras formas de riqueza [...]. São as determinações comuns a todo capital enquanto tal, ou que fazem de cada soma determinada de valores capital. [...] (2) mas o capital em geral, diferentemente dos capitais reais particulares, é ele próprio uma existência *real*. [...] Por exemplo, o capital, muito embora pertencente aos capitalistas singulares em sua *forma elementar* como capital, nessa *forma universal* constitui o capital que se acumula nos bancos ou é por eles distribuídos [...] Assim, se o universal, por um lado, é somente *differentia specifica pensada*, por outro, é forma *real particular* ao lado da forma do particular e do singular. (Nós retornaremos mais adiante a esse ponto, que apesar de [possuir] um caráter mais lógico do que econômico, provará ser de grande importância no desenvolvimento de nossa investigação. Assim, como na álgebra. Por exemplo, a , b , c são números; números em geral; contudo, são números inteiros em relação à a/b , b/c , c/b , c/a , b/a etc, que, todavia, os pressupõem como elementos gerais.)¹⁸

Podemos ver a partir desta passagem que: 1) o capital em geral, é uma abstração que compreende as características essenciais do capital (que é principalmente a produção de mais-valia); e 2) para além desta abstração teórica, o capital em geral, tem uma existência real em um capital particular – como capital bancário ou de capital de crédito. O capital de crédito pode ser investido em qualquer setor da economia, e, nesse sentido, é geral; mas também pertence a indivíduos particulares e é uma forma particular real do capital. Nos termos de Hegel, o capital de crédito poderia ser considerado

¹⁷ Marx, 1973a, pp. 435–6 (ed. brasileira: pp. 357-358).

¹⁸ Marx, 1973a, pp. 449–50 (ed. brasileira: pp. 369-370).

como a *singularidade* do capital – a existência real do capital em geral em um capital particular (como no esquema de Marx discutido acima).

O exemplo algébrico nesta passagem também é interessante: a , b e c são números inteiros, os números em geral, que são *pressupostos* na determinação das frações a/b e assim por diante. De maneira semelhante, a mais-valia em geral (ou a mais-valia total) é um número inteiro, que é pressuposto na determinação das frações nas quais a mais-valia total é dividida.

Parece razoável concluir, a partir da discussão acima dos quatro primeiros cadernos dos *Grundrisse*, que os aspectos da lógica de Hegel a que Marx se referia em sua famosa carta sobre o “grande serviço” do método de Hegel a sua teoria do lucro devem ter sido os *três momentos do Conceito de Hegel: universalidade, particularidade e singularidade*¹⁹. Marx já havia compreendido que sua teoria do capital e da mais-valia seriam estruturadas de maneira similar. Os dois esquemas no Caderno II estão claramente colocados nos termos dos três momentos de Hegel e há outros comentários metodológicos nos Cadernos III e IV que também estão colocados nos termos dos três momentos de Hegel; o Caderno IV começa com uma seção intitulada “Confusão de lucro e da mais-valia”. E, mais importante, a lógica da teoria do capital e da mais-valia de Marx é semelhante àquela da Lógica do Conceito de Hegel: a teoria de Marx começa com capital em geral – as características essenciais do capital, principalmente, a produção de mais-valia – que corresponde ao momento da universalidade de Hegel (a mesma palavra alemã!). A teoria de Marx, então, continua na concorrência (ou muitas capitais) – a teoria da taxa geral de lucro e outros aspectos da distribuição de mais-valia – o que corresponde ao momento da particularidade de Hegel. E a teoria de Marx, finalmente, passa ao capital de crédito – a forma geral de capital em um capital particular real – o que corresponde ao momento da singularidade de Hegel²⁰.

¹⁹ Nesta carta, Marx usou o termo “lucro” como um sinônimo para o que mais tarde chamou de “mais-valia”. Como vimos, ele estava trabalhando em sua teoria da mais-valia, não na sua teoria do lucro como definido posteriormente. Ele tinha descoberto recentemente a distinção entre mais-valia e lucro e provavelmente ainda não tinha explicado esta distinção a Engels; possivelmente seja esse o porquê de ter usado o termo mais familiar “lucro” em sua carta a Engels.

²⁰ No entanto, como Tony Smith (neste volume) tem enfatizado, a utilização de Marx do termo “singularidade” é muito diferente da singularidade de Hegel. Na singularidade de Hegel, uma forma particular é a incorporação perfeita da natureza verdadeira do universal.

Evidências adicionais serão apresentadas abaixo, provenientes do resto dos *Grundrisse* e dos rascunhos tardios de *O Capital* para apoiar esta conclusão, mas a evidência discutida até agora parece ser suficiente para mim. A que outros aspectos do método lógico de Hegel poderia ter se referido Marx nesta carta? Como esses outros aspectos do método de Hegel fornecem uma estrutura lógica para a teoria de Marx do *lucro* (mais-valia)? E qual evidência textual dos *Grundrisse* existe para apoiar qualquer interpretação diferente do significado de Marx nesta carta?

No restante dos *Grundrisse*, há meia dúzia de breves comentários sobre a equalização da taxa de lucro e geralmente é afirmado nessas passagens que a análise das taxas iguais de lucro *pertence à parte da teoria sobre a concorrência* (ou muitas capitais), após a parte do capital em geral. Dois exemplos importantes serão discutidos aqui (ver também pp. 552, 557, 669, 761 e 767).

No Caderno VII (o último caderno dos *Grundrisse*), em uma discussão sobre a confusão dos economistas que pensam que os capitais fixo e circulante de algum modo produzem lucro independente do trabalho excedente, Marx comenta sobre a “confusão” dos economistas anteriores:

Do fato de que, nas teorias econômicas anteriores, a teoria do mais-lucro [*Mehrgewinn*] não foi considerada **de forma pura, mas foi misturada** com a teoria do lucro real, que leva à **participação proporcional** dos diversos capitais na **taxa geral de lucro**, resultou a maior **confusão** e mistificação. **O lucro dos capitalistas como classe, ou o lucro do capital, tem de existir antes que possa ser distribuído, e é extremamente absurdo pretender explicar a sua gênese a partir de sua repartição.**²¹

Nesta importante passagem, Marx critica os economistas anteriores porque eles “misturaram” a teoria da mais-valia em sua “forma pura” (mais-valia em geral e a determinação do lucro total da classe capitalista como um todo) e a teoria do “lucro real” (as formas particulares de mais-valia e a distribuição da mais-valia total entre os capitalistas individuais). Com a ajuda da lógica de Hegel, Marx não cometeu este erro. Marx não “misturou” estas duas fases da teoria; em vez disso, Marx manteve esses dois estágios estritamente separados e logicamente sequenciais. Primeiro, a forma geral e

Enquanto que, para Marx, o capital de crédito é o oposto da verdadeira natureza do capital – é a forma *mais fetichizada* do capital, o que faz parecer que o juro vem do próprio capital sem qualquer relação com o trabalho e com o processo de produção.

²¹ Marx, 1973a, p. 684 (ed. brasileira: pp. 572-573).

o valor total da mais-valia são teorizados, e, em seguida, as formas particulares e os valores individuais de lucro são teorizados, com a forma geral e o montante total de mais-valia pressupostos.

É interessante lembrar que Marx afirmou em sua famosa carta sobre o método de Hegel que ele tinha “derrubado” todas as teorias anteriores do lucro. Podemos agora ter uma ideia melhor do que Marx queria dizer com “derrubar” – que ele tinha claramente distinguido entre [por um lado] a teoria do capital e a mais-valia em geral e [por outro] a teoria das formas particulares de capital e da mais-valia.

Mais tarde, no Caderno VII, na seção III (“Capital e Lucro”) do “Capítulo sobre o Capital”, há outro breve, mas importante, comentário sobre a equalização da taxa de lucro. Marx comentou novamente que a equalização da taxa de lucro tem a ver com a distribuição da mais-valia entre os diferentes capitais, que deve ser analisada na fase subsequente de muitos capitais e não na fase inicial de capitais em geral, na qual Marx estava trabalhando no momento:

O **valor excedente total**, da mesma maneira que o *lucro total* – que é só o *mais-valor* calculado diferentemente –, **nunca pode crescer nem diminuir** por meio dessa operação [a equalização das taxas de lucro]; não é o próprio valor excedente total que é *modificado por tal operação*, mas somente *sua repartição entre os diferentes capitais*. No entanto, **o lugar dessa análise é no exame dos muitos capitais**; ainda não é aqui [que é no estágio do capital em geral].²²

Em março de 1858, enquanto Marx estava terminando os *Grundrisse*, ele escreveu uma carta a Lassalle na qual afirmou que estava trabalhando na primeira parte de seu “livro sobre o capital” – a parte sobre o “capital em geral” – e que o capital em geral seria dividido em três seções: 1) o processo de **produção**; 2) o processo de **circulação**; e 3) a unidade dos dois, ou **capital e lucros** e juros.²³

Podemos ver que estes são as mesmas três seções dos *Grundrisse*. No entanto, estas seções são agora seções do “capital em geral”, ao invés de seções do “Capítulo sobre Capital”. Assim, Marx parece ter percebido mais claramente, como resultado de seu trabalho nos *Grundrisse*, que sua teoria do capital deveria ser dividida em capitais em geral e concorrência e assim por

²² Marx, 1973a, p. 760 (ed. brasileira: p. 637, mantidas as observações do autor do artigo).

²³ Marx, 1983d, p. 287.

diante; que sua teoria nos *Grundrisse* era apenas sobre o capital em geral, não uma teoria completa do capital. A teoria da concorrência viria mais tarde. Marx começou a desenvolver sua teoria da concorrência no Manuscrito de 1861-1863 e a desenvolveu de forma mais aprofundada no Manuscrito de 1864-1865, e essa teoria inclui a taxa geral de lucro e outras formas particulares de mais-valia que tem a ver com a distribuição de mais-valia.

Várias semanas depois (2 de Abril), Marx escreveu uma carta a Engels na qual ele delineou a estrutura lógica geral do seu livro sobre o capital:

- I. O *Capital* contém quatro seções:
 - a) *Capital em geral* (esse é assunto da primeira parte).
 - b) *Concorrência*, ou a ação dos muitos capitais uns sobre os outros.
 - c) *Crédito*, aqui o capital enquanto princípio geral confronta os capitais individuais.
 - d) *Capital por ações* como a forma mais altamente desenvolvida (transformando-se no comunismo) junto com todas suas contradições²⁴.

Evidentemente, o trabalho de Marx nos *Grundrisse* sobre sua teoria da produção de mais-valia em nível da abstração do capital em geral e as breves discussões sobre a taxa geral de lucro que ele percebeu que “deveriam ser analisadas mais tarde na seção sobre concorrência”, deram-lhe clareza suficiente sobre a relação entre capital em geral e concorrência (essencialmente a produção e distribuição de mais-valia, ou a forma geral da mais-valia e suas formas particulares) e sobre a estrutura lógica global da sua teoria, que ele estava apto a escrever nesses novos esboços melhorados.

Embora Marx não utilize a tríade hegeliana U - P - S neste esboço, a estrutura lógica deste esquema é essencialmente a mesma que a dos esquemas anteriores, mas com maior clareza e precisão, especialmente sobre a concorrência. O capital de Marx corresponde geralmente a universalidade de Hegel; a competição de Marx corresponde a particularidade de Hegel; e o capital de crédito e o capital por ações de Marx correspondem a singularidade de Hegel. A concorrência é sobre as formas particulares e as partes individuais da mais-valia, que serão analisadas depois que a forma geral e o valor total de mais-valia forem explicados em nível de abstração do capital em geral. Os três volumes de *O Capital* são quase inteiramente

²⁴ Marx e Engels, 1983e, p. 287.

sobre as seções (a) e (b) deste esboço. Marx nunca chegou realmente às seções (c) e (d) (embora exista algum material sobre a Parte V do Volume III que pertence à seção (c) sobre o capital de crédito).

O Manuscrito de 1861-63²⁵

O segundo rascunho de *O Capital* foi o *Manuscrito de 1861-1863* (uma obra imensa, 23 cadernos no total, eventualmente publicado em seis volumes em alemão e cinco volumes em inglês)²⁶. A recente publicação deste manuscrito na íntegra joga nova luz sobre o desenvolvimento da teoria da distribuição de mais-valia que acabou sendo publicada no Volume III de *O Capital* de Marx. Cerca de dois terços deste manuscrito são as *Teorias da Mais-Valia* publicadas anteriormente, muito do qual acerca da distribuição de mais-valia²⁷. O terço restante do manuscrito foi publicado pela primeira vez na nova edição MEGA e inclui um segundo rascunho até então desconhecido das partes II-IV do Volume I de *O Capital* (teoria da mais-valia absoluta e relativa) e também os primeiros rascunhos das Partes I, III e IV do Volume III.

O manuscrito começa com o segundo rascunho da teoria da mais-valia de Marx. Este segundo rascunho é essencialmente o mesmo que o primeiro rascunho nos *Grundrisse*, mas é claramente muito mais desenvolvido e exploratório que aquele. Na época, Marx tinha uma ideia muito clara da estrutura lógica global do Volume I e ele foi capaz de escrever esses capítulos na sua forma quase finalizada.

²⁵ Veja Moseley, 2009, para uma discussão mais ampla do desenvolvimento da teoria da distribuição da mais-valia no Manuscrito de 1861-1863, incluindo sumário na p. 146 que traça em detalhe os assuntos discutidos por Marx neste manuscrito. Veja também Moseley, 2016, Capítulo 3, Seção 2.

²⁶ O Manuscrito de 1861-1863 foi publicado integralmente pela primeira vez em alemão no *Marx-Engels Gesamtausgabe*, abreviado como MEGA, em 1976-1982. A tradução para o inglês foi publicada em 1988-94 por Lawrence & Wishart, como volumes 30 a 34 dos 50 volumes dos *Marx and Engels Collected Works*. A publicação de todo este manuscrito é um evento importante nos estudos marxianos. Este manuscrito é um elo importante entre os *Grundrisse* e *O Capital*, fornecendo muitas informações valiosas sobre a estrutura lógica e sobre o conteúdo de *O Capital*, especialmente a teoria de Marx sobre a distribuição da mais-valia no Volume III. Este manuscrito deve ser cuidadosamente estudado por todos aqueles que desejam compreender *O Capital* de Marx. Veja Dussel 2001b para um estudo textual detalhado deste manuscrito, e Moseley, 2001b para uma introdução ao livro de Dussel.

²⁷ As *Teorias da Mais-Valia* rearranjam alguns dos materiais do manuscrito original de Marx de 1861-1863 e omitem algumas passagens. Veja Moseley, 2009 e 2016, capítulo 3, seção 2, para uma discussão mais aprofundada.

Enquanto trabalhava na mais-valia relativa (que mais tarde tornou-se a Parte IV do volume I de *O Capital*), Marx a abandonou e começou a escrever em um novo caderno (o Caderno VI), o qual intitulou “Teorias da mais-valia”. Parece que a intenção original de Marx era seguir sua própria teoria da mais-valia, há pouco apresentada, com um breve resumo crítico das teorias anteriores de mais-valia dos economistas clássicos, semelhante ao que ele havia feito anteriormente em *Uma contribuição para a crítica da economia política* para as teorias do valor e para as teorias do dinheiro. De qualquer modo, a obra de Marx sobre as “Teorias da mais-valia” logo foi significativamente expandida em muitos novos tópicos que têm a ver com a distribuição de mais-valia (e não apenas com a produção de mais-valia), e, portanto, pertencem ao nível de abstração da concorrência, para além do capital em geral.

Marx começou seu estudo crítico das teorias da mais-valia dos economistas clássicos com a seguinte declaração inicial, que é muito importante e que não recebeu a atenção que merece:

Todos os economistas compartilham do erro de examinar a mais-valia não como tal, em sua forma pura, mas nas formas particulares do lucro e da renda. Que erros teóricos devem necessariamente surgir disto serão mostrados com mais detalhes no Capítulo III, na análise da forma bastante alterada que a mais-valia assume como lucro.²⁸

Assim, Marx tinha essa distinção crucial entre a forma geral da mais-valia e suas formas particulares, que ele articulou primeiramente nos *Grundrisse* (p. 684), claramente em mente quando ele começou as *Teorias da Mais-Valia*; este foi o tema principal que Marx quis explorar. Marx evitou o erro teórico dos economistas anteriores fazendo precisamente o que eles não conseguiram fazer: primeiro ele examina a *mais-valia como tal* (a mais-valia total do capital como tal) em nível da abstração do capital em geral, e, mais tarde, examina as formas particulares e as formas individuais de mais-valia em nível de abstração da concorrência.

Marx repetiu este tema geral muitas vezes ao longo das *Teorias da Mais-Valia*; discutirei apenas alguns destaques aqui. Com relação

²⁸ Marx, 1988a, p.348; Marx, 1963, p. 40. As referências às partes do *Manuscrito de 1861-1863* que também estão nas *Teorias da Mais-Valia* serão referidas a ambos os textos nesta forma dual. Todas essas passagens são citadas a partir do *Manuscrito de 1861-1863* (as duas traduções nem sempre são as mesmas).

a Adam Smith, Marx argumentou que Smith realmente possuía uma teoria da mais-valia em geral – que a mais-valia é o excedente do valor produzido pelos trabalhadores sobre os salários que são pagos a eles – e que este valor excedente produzido pelo trabalho não pago dos trabalhadores inclui as formas particulares de mais-valia do lucro e da renda. No entanto, a falta de clareza de Smith sobre esta distinção levou a muitos erros:

Portanto, Adam Smith concebe a mais-valia [...] como categoria em geral da qual **o próprio lucro e a renda da terra são apenas ramificações**. No entanto, ele **não distingue mais-valia como tal** como uma categoria por si própria, **distinta das formas específicas** que assume no lucro e na renda. Esta é a fonte de muitos erros e inadequações na sua investigação e ainda mais no trabalho de Ricardo.²⁹

Algumas páginas depois, Marx fez um comentário semelhante, novamente nos termos da forma geral da mais-valia e de suas formas particulares:

Vimos como Adam Smith explica a *mais-valia em geral*, da qual a **renda da terra e do lucro são apenas diferentes formas e componentes** [...] Porque Adam torna o que é na substância uma análise da mais-valia **distinta de suas formas especiais**, ele subseqüentemente a **mistura** diretamente com a mais desenvolvida forma de lucro. Este erro persiste com Ricardo e todos os seus discípulos [...] [A] **confusão** arrastasse imediatamente não quando ele está lidando *ex professo* [especificamente] com o lucro ou renda – aquelas formas particulares de mais-valia – mas onde ele está pensando nelas somente como formas de mais-valia em geral, da **FORMA DEDUTIVA DO TRABALHO CONCEDIDA PELO TRABALHADORES SOBRE O MATERIAL**.³⁰

Como Adam Smith determina mais-valia não somente no lucro, mas também na renda da terra – dois **tipos específicos de mais-valia**, cujo movimento é determinado por leis completamente diferentes – ele deveria certamente ter visto a partir disso que **não deveria tratar a forma geral abstrata como diretamente idêntica à de qualquer uma de suas formas particulares**.³¹

Com relação a Ricardo, Marx fez uma crítica semelhante – que Ricardo também não conseguiu separar a teoria da mais-valia em geral da teoria das suas formas particulares:

²⁹ Marx, 1988a, pp. 388–9; Marx, 1963, p. 82.

³⁰ Marx, 1988a, pp. 394–5; Marx, 1963, p. 89 (ênfase em maiúsculas no original).

³¹ Marx, 1988a, p. 398; Marx, 1963, p. 92.

Na crítica de Ricardo, **temos que separar o que ele próprio não conseguiu separar**. Sua teoria da mais-valia, que certamente existe em seu trabalho, embora ele não defina mais-valia como distinta das suas **formas particulares**, lucro, renda, juros. Em segundo lugar, sua teoria do lucro.³²

Em nenhum lugar Ricardo considera a mais-valia **separada e independentemente de suas formas particulares** – lucro (juros) e renda.³³

Marx argumentou que Ricardo não foi capaz de fornecer uma teoria satisfatória da taxa geral de lucro, precisamente porque ele falhou em seguir o método lógico correto a respeito da forma geral da mais-valia e de suas formas particulares. Especificamente, Ricardo assumiu a taxa de lucro em seu primeiro capítulo sobre o valor, sem explicar como a taxa de lucro é determinada. Marx argumentou que, em vez de assumir a taxa de lucro no início, Ricardo deveria tê-la *abstraido por completo* a partir da taxa de lucro no início de sua teoria, porque a taxa de lucro é uma forma particular de mais-valia que tem de ser explicada através de um “número de estágios intermediários”. Marx resumiu sua crítica ao método lógico falho de Ricardo como se segue:

Em vez de postular essa **taxa geral de lucro**, Ricardo deveria ter examinado em que medida a sua existência é consistente com a determinação do valor pelo tempo de trabalho e ele teria descoberto que em vez de ser coerente com ela, *prima facie*, ela se contradiz, e que a sua existência **teria, portanto, que ser explicada por uma série de etapas intermediárias**, um procedimento muito diferente de simplesmente incluí-la sob a lei do valor. Ele então teria uma visão completamente diferente da natureza do **lucro** e não o teria identificado diretamente com a **mais-valia**.³⁴

A principal “fase intermédia” é a determinação da mais-valia em geral e o montante total de mais-valia em nível da abstração de capitais em geral.

Em outra passagem, Marx criticou Ricardo por sua “falta de poder de abstração”:

A equalização das mais-valias nos diferentes negócios **não afeta o tamanho absoluto desta mais-valia total**; mas meramente **altera a sua distribuição** entre os diferentes negócios. A determinação desta própria mais-valia, no

³² Marx, 1989a, p.397; Marx, 1968, p. 169.

³³ Marx, 1989b, p. 9; Marx, 1968, p. 373.

³⁴ Marx, 1989a, p. 401; Marx, 1968, p. 174.

entanto, surge apenas da determinação do valor pelo tempo de trabalho. Sem isso, o lucro médio é a média do nada, pura fantasia. E poderia, então, igualmente bem ser 1.000% ou 10% [...] Podemos ver que apesar de Ricardo ser acusado de ser abstrato demais, alguém estaria justificado em acusá-lo do oposto: **a falta de poder de abstração**, incapacidade, quando lidando com os valores das mercadorias, de **esquecer lucros**, um fator que o confronta como um resultado da **concorrência**.³⁵

Em outras palavras, Ricardo foi incapaz de esquecer as formas particulares de mais-valia quando estava lidando com a forma geral da mais-valia³⁶.

O último capítulo de *Teorias da Mais-Valia* é um extenso primeiro rascunho de “receita e suas fontes”, que inclui uma crítica da “economia vulgar” segundo a qual as formas particulares de mais-valia são determinadas *separadamente e de forma independente* e a mais-valia total, se levada em consideração, é determinada pela *soma* das partes individuais autônomas de modo que um aumento numa das partes resultaria num aumento no total. Marx alegou que esta aparente independência mútua das formas particulares é uma ilusão; o determinante fundamental de todas essas formas particulares é o trabalho excedente e o montante total de mais-valia é determinado pelo trabalho excedente antes da *divisão desse total* em partes individuais, de modo que um aumento em uma das partes resultaria em uma redução em alguma outra parte, com o total inalterado.

A **fragmentação da mais-valia**, isto é, de parte do valor das mercadorias, nestas rubricas especiais ou categorias, é muito compreensível e ao menos não entra em conflito com a lei do valor. Mas toda a questão é mistificada porque estas **diferentes partes da mais-valia adquirem uma forma independente**, porque advém de pessoas diferentes, porque os títulos para eles estão baseados em elementos diferentes, e, finalmente, por causa da autonomia com a qual certas partes [da mais-valia] enfrentam o processo como suas condições. **Das partes em que o valor pode ser dividido, elas tornam-se elementos independentes que constituem valor**, tornam-se elementos constitutivos.³⁷

³⁵ Marx, 1989a, p. 416; Marx, 1968, pp. 190–1.

³⁶ No resto do Manuscrito de 1861-1863, Marx fez o mesmo ponto importante no que diz respeito a uma série de autores; por exemplo, James Mill (Marx, 1989b, p.275; Marx, 1971, p 85.), John Stuart Mill (Marx, 1989a, p 69; Marx, 1971, p 228), panfleto anônimo (Marx, 1989b, pp 388-9; Marx, 1971, p 254), Cherbuliez (Marx, 1991, pp 299-300; Marx, 1971, pp 376-7).

³⁷ Marx, 1989b, p. 511; Marx, 1971, p. 511 (colchetes na tradução).

Assim, podemos ver que a análise crítica de Marx da economia clássica no *Manuscrito de 1861-1863* também o ajudou a desenvolver neste manuscrito sua própria teoria das formas particulares de mais-valia, isto é, a teoria da distribuição de mais-valia em nível da concorrência, para além do capital em geral. Em Moseley (2009), eu discuti extensamente o desenvolvimento, neste manuscrito, da teoria das formas particulares de mais-valia de Marx – a taxa geral de lucro (e preços de produção), renda, juros e lucro comercial. Marx sustentou por todo o manuscrito, com clareza e ênfase, a distinção entre a forma geral da mais-valia e as formas particulares de mais-valia que ele padronizou após os momentos de universalidade e particularidade do Conceito de Hegel. A forma geral e o valor total de mais-valia devem ser determinados antes das formas particulares e das quantidades individuais de mais-valia. O esboço de quatro seções de maio 1858 (discutido acima)^[TP1] manteve a estrutura lógica básica da teoria da produção e distribuição da mais-valia de Marx. O *Manuscrito de 1861-1863* começou no ponto (a) deste esboço (capital em geral) e moveu-se progressivamente para a seção (b) (concorrência). As seções (c) e (d) ainda estavam “fora do escopo”.

O *Manuscrito de 1864–65* (Volume III de *O Capital*, 1894)

O *Manuscrito de 1864-1865* é a base para o que conhecemos como Volume III de *O Capital*, que foi profundamente editado por Engels³⁸. Este manuscrito aborda, principalmente, as formas particulares de mais-valia – a taxa geral de lucro (e preços de produção), renda, juros e lucro mercantil, aprofunda a teoria de Marx destas formas particulares que ele primeiro desenvolveu no *Manuscrito de 1861-1863*. Em outras palavras, este

³⁸ Este esboço do Volume III é o único projeto integral deste volume e foi publicado pela primeira vez em alemão no MEGA, Volume II/4.2 (1993). Infelizmente, ainda não foi traduzido para o inglês, embora, felizmente, haja uma tradução nas obras (por Ben Fowkes) que deve ser publicada em breve. Os estudiosos marxistas ingleses finalmente terão a oportunidade de estudar esse importante manuscrito no original. O rascunho do Volume III no *Manuscrito de 1864-1865* é a base da versão editada por Engels do Volume III com a qual estamos familiarizados. Existem algumas diferenças entre o manuscrito de Marx e o Volume III de Engels, principalmente porque Engels fez o manuscrito de Marx parecer muito mais organizado e completo do que realmente era, especialmente a Parte V sobre os juros e, em menor medida, a Parte III sobre a taxa de lucro decrescente. No entanto, essas diferenças não afetam o assunto deste capítulo; a teoria das formas particulares de mais-valia é a mesma em ambos.

manuscrito é principalmente sobre a distribuição de mais-valia em nível de abstração da concorrência, para além do capital em geral. Neste rascunho, há menos uso do termo hegeliano “formas particulares de mais-valia” do que no *Manuscrito de 1861-1863*, mas a lógica da teoria destas formas particulares de mais-valia é a mesma que dos rascunhos iniciais – a forma geral e o valor total de mais-valia são, em primeiro lugar determinados, e depois pressupostos em uma determinação posterior das formas particulares de mais-valia. A mesma teoria é trabalhada em maiores detalhes e profundidade neste manuscrito. Assim, a lógica da teoria da produção e distribuição da mais-valia de Marx continua a ser semelhante à lógica dos momentos do Conceito de Hegel, universalidade e particularidade – o universal é determinado em primeiro lugar, e, em seguida, os particulares são determinados como formas particulares do *universal pressuposto*.

Por causa de uma restrição de espaço, não discutirei este manuscrito em detalhes. Veja Moseley 2002, para uma discussão mais ampla da teoria das formas particulares de mais-valia de Marx no Volume III de *O Capital* com ênfase sobre esta característica hegeliana do método lógico de Marx.

Volume I de *O Capital* (1867)³⁹

A primeira edição alemã do Volume I de *O Capital* foi, naturalmente, publicada dois anos mais tarde, em 1867. O Volume I apresenta a teoria de Marx da mais-valia em geral, em nível do capital em geral. A exposição é muito mais completa e polida do que em versões anteriores, mas a lógica da teoria de Marx da mais-valia em geral é essencialmente a mesma – a mais-valia é determinada pelo trabalho excedente e o montante total de mais-valia é determinado pela quantidade total de trabalho excedente.

Uma semana depois de Marx ter finalmente terminado o Volume I (e escrito para Engels em humor triunfante às 2 horas da manhã “este volume está finalizado!”)⁴⁰, ele escreveu outra carta a Engels (24 de agosto) na qual declarou que um dos dois “melhores pontos” de seu livro foi o tratamento da forma geral da mais-valia anterior e independentemente de suas formas

³⁹ Veja Moseley (2003) para uma discussão mais ampla da apresentação final de Marx de sua teoria da mais-valia em geral no nível de abstração do capital em geral no Volume I de *O Capital*. Veja também Moseley 2016, capítulo 2, secção 4.

⁴⁰ Marx e Engels, 1987e, p. 407.

particulares (continuando a empregar os mesmos conceitos hegelianos utilizados pela primeira vez nos *Grundrisse*):

Os melhores pontos em meu livro são: [...] 2) o tratamento da *mais-valia, independentemente de suas formas particulares* como lucro, juros, renda, etc. Isso será visto principalmente no segundo volume. O tratamento das *formas particulares* de economia clássica, que *sempre as mistura*, é uma confusão frequente.⁴¹

Esta declaração é semelhante à declaração de abertura das *Teorias da Mais-Valia* discutida acima e também à primeira articulação desse ponto importante nos *Grundrisse* (p. 684), todos, similarmente, em termos hegelianos. Claramente, Marx considerou esta distinção entre a forma geral da mais-valia e suas formas particulares como uma parte extremamente importante de seu método lógico e isso foi moldado a partir dos momentos do Conceito de Hegel. Deve ter sido isso o que Marx quis dizer em sua famosa carta de 1858 sobre o “grande serviço” de Hegel.

Cinco meses mais tarde (em janeiro de 1868), Marx fez um comentário semelhante em outra carta a Engels. Desta vez, o tratamento prévio da forma geral da mais-valia é descrito como o primeiro dos “três elementos fundamentalmente novos” de seu livro:

1) Que em contraste com toda economia política precedente que, desde o início, trata os *diferentes fragmentos de mais-valia* com a sua forma fixa da renda, lucro e juros como já dados, eu primeiramente trato a forma geral da mais-valia, na qual todos estes fragmentos ainda estão indiferenciados – em solução, por assim dizer⁴².

Nesta frase, [o termo] “formas particulares de mais-valia” é expresso como “diferentes fragmentos de mais-valia”, mas o significado é obviamente o mesmo. Aqui Marx parece sugerir uma metáfora da química para ilustrar a relação entre a forma geral da mais-valia (solução indiferenciada) e suas formas particulares (fragmentos diferenciados).

CONCLUSÃO

Concluo que, enquanto Marx estava trabalhando nos *Grundrisse*, ele descobriu a relação lógica entre mais-valia em geral e as formas particulares

⁴¹ Ibid. De acordo com os planos de Marx naquela época, o “segundo volume” iria incluir tanto o “Livro II” sobre o processo de circulação, quanto o “Livro III”, sobre as formas particulares de mais-valia (ver Marx, 1977, p. 93 [o que isso significa?]).

⁴² Marx e Engels, 1987f, p. 514.

de mais-valia com a ajuda de momentos de universalidade e particularidade de Hegel e é isso que Marx queria dizer em sua importante carta de janeiro de 1858, na qual ele escreveu que o método de Hegel tinha sido “um grande serviço” no desenvolvimento de sua própria teoria do lucro. A forma geral da mais-valia de Marx foi padronizada a partir da universalidade de Hegel e as formas particulares da mais-valia de Marx foram padronizadas a partir da particularidade de Hegel. Em ambas teorias, o geral, ou o universal, é determinado antes da determinação dos particulares e o universal é pressuposto na determinação dos particulares, ou seja, os particulares são explicados como formas particulares do universal pressuposto. Marx manteve essa estrutura lógica hegeliana para esta teoria da produção e distribuição de mais-valia ao longo de todos os rascunhos de *O Capital* e considerou esta estrutura lógica como um dos dois melhores pontos de sua teoria.

Tradução: Tiago Porto

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARTHUR, Christopher J. Labour: Marx’s Concrete Universal. *Inquiry*, 21, 1978, pp. 87–104.

DUSSEL, Enrique. *La Producción Teórica de Marx: Un Comentario a los Grundrisse*. México: Siglo XXI, 1985.

_____. *El Último Marx (1863–82) y La Liberación Latinoamericana*. México: Siglo XXI, 1990.

_____. The Four Drafts of Capital: Towards a New Interpretation of the Dialectical Thought of Marx. *Rethinking Marxism*, 13, 1, 2001a, pp. 10–26.

_____. *Towards an Unknown Marx: A Commentary on the Manuscripts of 1861–63*. Edited by Fred Moseley. London: Routledge, 2001b (tradução de *Hacia un Marx Desconocido: Un comentario de los Manuscritos de 1861–63*, México: Siglo XXI, 1988).

_____. The Discovery of the Category of Surplus Value. In: MUSTO, Marcello (ed.). *Karl Marx’s ‘Grundrisse’: Foundations of the Critique of Political Economy 150 years Later*. London: Routledge, 2008.

FINESCHI, Roberto. *The Four Levels of Abstraction in Marx's Concept of Capital*. 2005. Disponível em

<http://marxdialecticalstudies.blogspot.it/2010/11/roberto-fineschi-four-levels-of_25.html> (versão revisada prestes a ser publicada em *In Marx's Laboratory: Critical Interpretations of the 'Grundrisse'*).

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. *Philosophy of Right*. Oxford: Oxford University Press, 1952 [1820].

_____. *Science of Logic*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1969 [1812–16].

_____. *Logic: Being Part One of the Encyclopaedia of the Philosophical Sciences*. Oxford: Oxford University Press, 1975 [1830].

MARX, Karl. *Theories of Surplus Value*. Volume 1. Moscow: Progress Publishers. 1963 [1861–3].

_____. *Theories of Surplus Value*. Volume 2. Moscow: Progress Publishers, 1968 [1861–3].

_____. *Theories of Surplus Value*. Volume 3. Moscow: Progress Publishers. 1971 [1861–3].

_____. *Grundrisse*. Harmondsworth: Penguin, 1973a [1857–8] [edição brasileira: _____. *Grundrisse*. Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider (colaboração de Alice Helga Werner e Rudiger Hoffman). São Paulo: Boitempo, 2011].

_____. *Capital*. Volume I. New York: Random House, 1977 [1867] [edição brasileira: _____. *O Capital*. Tradução de Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013].

_____. *Capital*. Volume III. New York: Random House, 1982 [1894].

_____. Marx to Engels, 16 January 1858. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 40. London: Lawrence & Wishart, 1983a [1858].

_____. Marx to Ferdinand Lassalle, 11 March 1858. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 40. London: Lawrence & Wishart, 1983d [1858].

_____. Economic Manuscripts of 1861–63. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 30. London: Lawrence & Wishart, 1988a [1861–3].

_____. Economic Manuscripts of 1861–63 [continuation]. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 31. London: Lawrence & Wishart, 1989a [1861–3]

_____. Economic Manuscripts of 1861–63 [continuation]. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 32. London: Lawrence & Wishart, 1989b [1861–3]

_____. Economic Manuscripts of 1861–63 [continuation]. in *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 33. London: Lawrence & Wishart, 1991 [1861–3].

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *The Holy Family, or Critique of Critical Critique*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1956 [1844]. [edição brasileira: _____. *A sagrada família, ou, A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes*. Tradução de Marcelo Backes. São Paulo: Boitempo, 2011].

_____. *Selected Correspondence*. Moscow: Progress Publishers, 1975.

_____. *Marx and Engels Collected Works*. Vol. 29. London: Lawrence & Wishart, 1987 [1861–3b].

MEANEY, Mark E. *Capital as Organic Unity: The Role of Hegel's 'Science of Logic' in Marx's 'Grundrisse'*. London: Kluwer, 2002.

MOSELEY, Fred. Marx's Logical Method and the Transformation Problem. In: _____. *Marx's Method in 'Capital': A Reexamination*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1993a.

_____. Capital in General and Marx's Logical Method: A Response to Heinrich's Critique. *Capital & Class*, 56, 1995, pp. 15–48.

_____. The Development of Marx's Theory of the Distribution of Surplus-Value. In: MOSELEY, Fred; CAMPBELL, Martha (ed.). *New Investigations of Marx's Method*. Atlantic Highlands, NJ: Humanities Press, 1997.

_____., The New Solution to the Transformation Problem: A Sympathetic Critique. *Review of Radical Political Economics*, 32, 2, 2000, pp. 15–48.

_____. Introduction to Dussel's 'The Four Drafts of Capital', *Rethinking Marxism*, 13, 1, 2001a, pp. 1–9.

_____. 'Editor's Introduction' to Enrique Dussel. In: DUSSEL, Enrique. *Towards an Unknown Marx: A Commentary on the Manuscripts of 1861–63*. London: Routledge, 2001b.

_____. *The Bewitched and Distorted World of Capital: The Level of Abstraction of Competition in Volume 3 of Capital and Beyond*. 2001c. Disponível em <www.mtholyoke.edu/~fmoseley>

_____. Hostile Brothers: Marx's Theory of the Distribution of Surplus-Value in Volume 3 of Capital. In: REUTEN, Geert; CAMPBELL, Martha (ed.). *The Culmination of Capital: Essays on Volume Three of Marx's 'Capital'*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2002.

_____. Money and Totality: Marx's Logic in Volume 1 of Capital. In: TAYLOR, Nicola; BELLOFIORE, Riccardo (ed.). *The Constitution of Capital: Essays on Volume I of Marx's 'Capital'*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2003.

_____. The Development of Marx's Theory of the Distribution of Surplus-Value in the Manuscript of 1861–63. In: BELLOFIORE, Riccardo; FINESCHI, Roberto (ed.). *Re-Reading Marx: New Perspectives after the Critical Edition*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009.

_____. *Money and Totality: A Macro-Monetary Interpretation of Marx's Logic in Capital and the End of the 'Transformation Problem'*. Leiden: Brill, 2016.

SMITH, Tony. *The Logic of Marx's 'Capital': Replies to Hegelian Criticisms*. Albany, NY: State University of New York Press, 1990.

YAFFE, David. The Marxian Theory of Crisis, Capital, and the State. *Economy and Society*, 2, 2, 1973, pp. 186–232.